

J.-B. DEBRET, HISTORIADOR E PINTOR



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO FERREIRA COSTA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

LUIS FERNANDO CERIBELLI MADI – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – WILSON CANO

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

SILVIA HUNOLD LARA (coordenadora) – SIDNEY CHALHOUB

MARTHA ABREU – JOÃO JOSÉ REIS – ALCIR PÉCORÁ

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA

MARIA HELENA P. T. MACHADO – ROBERT WAYNE ANDREW SLENES

Consultoria deste volume

MATTHIAS RÖHRIG ASSUNÇÃO – BEATRIZ GALLOTTI MAMIGONIAN

VALÉRIA LIMA

J.-B. DEBRET, HISTORIADOR E PINTOR
A VIAGEM PITORESCA E HISTÓRICA
AO BRASIL (1816-1839)

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Lima, Valéria Alves Esteves.

L628j J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839) / Valéria Lima. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

1. Debret, Jean-Baptiste, 1768-1848. 2. Viajantes – Rio de Janeiro (RJ) – História. 3. Arte – História – Séc. XIX. 4. Brasil – Descrições e viagens – Séc. XIX. 5. Brasil – História. I. Título.

CDD 981.531
709.034
918.1531
981

ISBN 978-85-268-0770-9

Índices para catálogo sistemático:

1. Viajantes – Rio de Janeiro (RJ) – História	981.531
2. Arte – História – Séc. XIX	709.034
3. Brasil – Descrições e viagens – Séc. XIX	918.1531
4. Brasil – História	981

Copyright © by Valéria Lima

Copyright © 2007 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiças no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia 1870-1910*.

24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.

25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.

AGRADECIMENTOS

Agradecer. Reconhecer que não se fez sozinho o que agora se apresenta ao leitor. Lembrar e reconhecer o papel de cada um, entre pessoas, instituições e oportunidades, para a construção final de um trabalho que começa como uma pesquisa para a elaboração de uma tese de doutorado no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Tal é, no meu entendimento, o que justifica a escrita destes agradecimentos.

Lembrança primeira e agradecimento imenso dedico a meu orientador e prefaciador deste livro, professor Robert Slenes. Sua postura acadêmica reforçou em mim a certeza de que o trabalho intelectual de excelência pode, e deve, ser conduzido com generosidade e sensibilidade. Com ele, e com os professores Iara Lis Schiavinatto, Silvia Hunold Lara, Jorge Coli e Luciano Migliaccio, que participaram em diferentes momentos da avaliação deste trabalho, partilho de uma espécie de “orgulho de classe” entre historiadores. Devo-lhes preciosas sugestões e comentários, fundamentais para as alterações feitas no texto original.

Entre as lembranças primeiras devo igualmente pontuar a importância do auxílio recebido da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — FAPESP. A bolsa de doutorado concedida entre 1999 e 2003 permitiu, também, a realização de um estágio de pesquisa em diferentes museus, arquivos e bibliotecas francesas, entre novembro de 2001 e fevereiro de 2002. O resultado das pesquisas e visitas então realizadas qualificou diferentemente o andamento do trabalho, uma vez que foi possível levantar dados não disponíveis em instituições brasileiras. Desse estágio devo lembrar e agradecer a colaboração de algumas pessoas e instituições: professor Luiz Felipe de Alencastro, titular da cadeira de História do Brasil na Universidade de Paris IV–Sorbonne, que aceitou ser

meu co-orientador e muito me ajudou na pesquisa às fontes sobre Debret; professora Marie-Noëlle Bourguet, da Universidade de Paris VII, a quem sou grata pela generosidade e pelo esforço em compreender meus objetivos, indicando-me seminários sobre o tema da literatura de viagem e importantes referências bibliográficas; M. Jérémie Benoit, do Museu de Versailles; M. Patrick Daum, do Museu de Belas-Artes de Rennes; M. Patrick Laharie e Mme. Sauchon, do Arquivo Nacional, que me acolheram gentilmente e em muito facilitaram meu trabalho nessas instituições.

Ao CECULT, que promove o Concurso Várias Histórias, devo a oportunidade desta publicação. Luciana e Leca, em diferentes momentos, foram figuras importantíssimas para o trabalho com as imagens. Obrigada!

Durante todos esses anos pude contar com o apoio incondicional e a companhia preciosa de algumas criaturas muito especiais: Paulo Kühl, Paula Vermeersch, André Tavares e Lygia Eluf. A eles devo o conforto de momentos agradáveis em minhas rápidas passadas pelo Departamento de Artes Plásticas do IA-UNICAMP nos últimos tempos, momentos em que, além das boas risadas, elaborávamos planos de trabalhos conjuntos. Estou certa de que, um dia, ainda daremos forma a esses lindos projetos...

A Maria Elena, com quem partilho uma amizade que tem a idade de nosso doutorado e que se estendeu muito além do ambiente universitário, agradeço pela cumplicidade e presença constante.

Lembranças novas, do momento da defesa da tese à publicação deste volume, devem constar nestes agradecimentos: meus amigos e colegas do Curso de História da Universidade Metodista de Piracicaba — UNIMEP. Joseli Mendonça, Virgínia Camilotti, Luiz Francisco Miranda, Raimundo Donato do Prado Ribeiro e Cláudio Borges: com vocês aprendi um novo e lindo sentido do que seja ambiente de trabalho e comprometimento com qualidade de ensino. Aos alunos, com quem tenho aprendido a “ensinar a aprender”, dedico um agradecimento especial: na UNIMEP e no curso de Artes Visuais da PUC — Campinas, tive o grande prazer de conviver com figuras muito especiais, que me permitiram construir uma

expectativa diferenciada no que diz respeito à prática docente no momento e lugar em que a exercemos.

Lembranças sempre presentes, minha mãe e irmãs. O que seria de mim sem elas e seu apoio incondicional? Finalmente, a Manoela, Matheus e Sidnei vão os agradecimentos, profundos e sinceros, por motivarem em mim o desejo de ser melhor.

Assim como o texto que produzi e agora publicamos, estes agradecimentos devem ter um fim... Menos porque não haja mais ninguém a ser lembrado e reconhecido, mas porque há horas em que devemos acreditar que chegamos ao fim, tal como sabiamente nos alerta Saramago: “Não se sabe tudo, nunca se saberá tudo, mas há horas em que somos capazes de acreditar que sim, talvez porque nesse momento nada mais nos podia caber na alma, na consciência, na mente, naquilo que se queira chamar ao que nos vai fazendo mais ou menos humanos” (José Saramago, *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 15).

Que série de acontecimentos extraordinários se desenrolou diante de mim durante esses quinze anos! Que contrastes contínuos! Quantas coisas se opoño ao homem! E o homem se opoño às coisas!

J.-B. DEBRET, *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, t. 3.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	17
INTRODUÇÃO	29
1 PARIS-RIO DE JANEIRO-PARIS A DUPLA TRAVESSIA DE UM ARTISTA	67
2 VOYAGE PITTORESQUE ET HISTORIQUE AU BRÉSIL CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA OBRA	129
3 A VOYAGE DE DEBRET E A LITERATURA DE VIAGEM	175
4 A CONSTRUÇÃO DE UMA OBRA HISTÓRICA	243
FONTES E BIBLIOGRAFIA	311

PREFÁCIO

“O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”.¹ A frase, de Machado de Assis, bem poderia servir de epígrafe para Valéria Lima, que procura neste belo livro mapear o campo de debates e embates culturais no qual Jean-Baptiste Debret, o autor-artista do célebre *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, apaixonadamente se movia.

Não pretendo resumir aqui os resultados da pesquisa de Valéria, pois não quero diminuir o prazer do leitor na jornada. Procuo, sim, refletir sobre o ponto de partida e o percurso dela, por dois motivos. Primeiro, o método que ela aplica é relativamente pouco usado ainda nos estudos brasileiros sobre a história da arte, mesmo naqueles voltados para a iconografia dos viajantes europeus na “era das revoluções”. Segundo, esse método tem sua própria história no campo de um trabalho coletivo. É instrutivo, portanto, aplicá-lo à própria “viagem” de Valéria, no intuito de traçar a rede de interlocução em que ela se formou na pós-graduação e na qual defendeu a tese de doutorado, ora publicada.² O exercício ajuda a entender por que seu livro é uma contribuição significativa à Coleção *Várias Histórias*, que propõe “uma reflexão sobre as tensões e os embates entre valores e interesses que se expressam no campo da cultura”.³ Também revela algo da dinâmica da vida intelectual no Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, que faz com que este seja um lugar tão instigante para pesquisas em “História Social da Cultura”.

Ao comentar (em 1998) a frase de Machado citada acima, os professores Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira observaram que “historiadores são seres obcecados em entender o ‘sentimento

‘íntimo’ de homens e mulheres de outras épocas, a forma como acontecem no ‘seu tempo e no seu país’”. Numa “história social da literatura”, como eles a concebiam, “[obras de ficção] e literatos aparecem [...] inseridos na arena das polémicas e conflitos de sua contemporaneidade”, da mesma forma como quaisquer outros textos e personagens. Portanto, “ao historiador resta descobrir e detalhar com igual afincão tanto as condições de produção de uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou outra peça literária”. Não só isso,

Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este representa para si mesmo a relação entre aquilo que diz e o real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações ou leituras suscitadas pela intervenção (isto é, a obra) do autor; enfim, é preciso buscar a *lógica social do texto*.⁴

Chalhoub e Pereira estavam refletindo sobre uma prática já consolidada na linha de pesquisa História Social da Cultura, da qual eles faziam parte, na UNICAMP.⁵ *A história contada*, o livro coordenado por eles e que contém as frases citadas, confirma isso; reúne um bom número de textos de alunos formados nessa linha (vários, porém não todos, sob a orientação de Chalhoub).⁶ Outro indício são os estudos que vêm sendo desenvolvidos, há algum tempo, por outros participantes do mesmo conjunto de pesquisadores — especialmente Silvia H. Lara, eu e alguns de nossos alunos — voltados para a história social da arte, com enfoque maior na iconografia dos pintores viajantes. São trabalhos que buscam recuperar, para parafrasear Chalhoub e Pereira, “a lógica social da imagem”.

Meu esforço nessa área começou em 1993 durante um pós-doutorado na Universidade de Stanford, quando decidi fazer uma pequena análise etnográfica de um quadro de outro artista, contemporâneo de Debret no Brasil, o bávaro Johann Moritz Runges. O ensaio cresceu mais do que o esperado e a certa altura esbarrou na necessidade de entender melhor as preocupações e

intenções do desenhista, como condição para avançar mais.⁷ Pois bem, com a ajuda da fantástica biblioteca de arte de Stanford, o manuscrito acabou transformando-se num esboço de livro, que principalmente inseria Rugendas e suas imagens nas “polêmicas e conflitos de sua contemporaneidade”, no Brasil, na Bavieira e em Paris.⁸

Para fazer a pesquisa sobre Rugendas, foi necessário um mergulho prolongado na bibliografia especializada sobre o mundo dos viajantes europeus nos séculos XVIII e XIX. De volta ao Brasil, continuei nessa raia, recebendo orientações preciosas de vários colegas, a começar por Silvia Lara, cujo interesse naqueles observadores peripatéticos também estava tomando novos rumos. Em 1995, Lara começou a coordenar a construção de um banco de dados sobre os relatos dos viajantes que visitaram São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Almejava criar um instrumento que permitisse a localização e cruzamento de textos/imagens relevantes para estudos em história cultural.⁹ Alguns alunos-bolsistas que se engajaram nesse projeto aproveitaram do trabalho para desenvolver monografias e teses sob a orientação de Lara, que também se foi envolvendo em pesquisa sobre a iconografia dos viajantes.¹⁰

Participantes de outras linhas de pesquisa também compartilharam seus conhecimentos bibliográficos comigo. Maria Stella Bresciani e Michael Hall, grandes apreciadores da bibliografia sobre os viajantes europeus, me fizeram conhecer especialmente os trabalhos da historiadora Marie-Noëlle Bourguet, professora visitante em nosso departamento durante minha ausência em Stanford.¹¹ Bourguet escrevia sobre “o colecionamento do mundo”, feito fora da Europa pelos viajantes e internamente (via levantamentos estatísticos e de costumes) pelos governantes locais — estes últimos, no caso estudado em detalhe por ela, cumprindo as ordens do estado napoleônico.¹² Jorge Coli me indicou uma bibliografia fundamental para a história da arte européia na passagem do século XVIII para o XIX, além de apontar imagens específicas que pudessem ser relevantes para meu estudo sobre Rugendas.

Como conseqüência de tudo isso, ofereci uma disciplina para os alunos da pós-graduação na UNICAMP no primeiro semestre de

1998 sobre Naturalistas, Artistas e Selvagens: Relatos/Retratos de Viagem e a “Etnografia” Européia, c. 1750-1850. O curso começava com textos exemplares da bibliografia internacional (de M. Baxandall e A. Boime), mostrando como os historiadores vinham abordando ultimamente as imagens, sob a perspectiva da história social.¹³ Eram estudos que indagavam, a respeito de quadros específicos, quem os produziu, dentro de quais redes de sociabilidade e de conflito foram produzidos, e como foram vistos e entendidos em sua época: em outras palavras, textos que enfocavam as obras de arte como intervenções em determinados embates ou até “guerras” culturais. Em seguida, o curso abordava a bibliografia sobre os quadros e as narrativas dos viajantes no Brasil, passando primeiro por textos referentes à relação entre ciência natural e império no século XVIII, à valorização, nos países europeus, do camponês como protótipo de seu respectivo povo nacional, às controvérsias na área da “ciência do homem”, especialmente em torno do conceito de “raça”, e às visões sobre os atributos dos africanos e de seus descendentes veiculadas nos discursos escravista e abolicionista.¹⁴ A disciplina ainda dedicava alguma atenção à história social das técnicas de representação na época, especificamente a litografia, cuja invenção tornou possível o *boom* de livros do gênero “viagem pitoresca” a partir dos anos 1820.

No que diz respeito à obra de Jean-Baptiste Debret, a última aula do curso procurou mostrar como esse artista dava sentido ao que observava no Brasil, firmemente baseado em sua experiência anterior, sem grande estranhamento ou perplexidade diante da sociedade do novo país escravista — mesmo que seus quadros tenham refletido a dialética própria aos encontros com “o Outro” na fronteira da globalização européia, não simplesmente idéias preconcebidas.¹⁵ Refiro-me, aqui, a seu treinamento nas técnicas de observação da arte neoclássica; seu conhecimento dos padrões de ilustração da cultura material propagados pela Enciclopédia de Diderot; sua disposição (como liberal de sua época) de “ler” a escravidão como parente próximo da servidão, cuja abolição completa ainda era assunto político premente em boa parte da Europa;¹⁶ seu provável acompanhamento do